

Lina & Pina: tributo à liberdade e inovação

Duas exposições sobre a arquiteta italiana naturalizada brasileira Lina Bo Bardi e o filme **Pina**, sobre a coreógrafa dançarina alemã Pina Bausch são tributos ao trabalho de duas grandes inovadoras no campo das artes. Lina completaria cem anos em dezembro de 2014 e recebeu diversas homenagens em formato de exposições, dentre elas a exposição no Museu da Casa Brasileira e outra no Sesc Pompéia, ambas em São Paulo. Pina tinha iniciado um filme com o diretor Wim Wenders na tentativa de trazer a dança para o universo cinematográfico numa espécie de documentário. O súbito falecimento da dançarina interrompeu o trabalho e desanimou Wenders, mas os dançarinos do grupo Tanztheater Wuppertal de Pina pediram a continuidade do filme e o transformaram em um tributo a ela.

Através da curadoria de Giancarlo Latorraca, “Maneiras de expor: arquitetura expositiva de Lina Bo Bardi”, permaneceu no Museu da Casa Brasileira de 19 de agosto a 7 de novembro de 2014. A mostra traz um pouco da vida da artista, principalmente a partir de sua vinda ao Brasil em 1946, logo após o final da II Guerra Mundial, abandonando a terra natal Itália e buscando novos horizontes no lugar que escolheu como pátria, como ela sempre dizia.

A mostra apresenta a multiplicidade de atuação de Bo Bardi ao exibir desenhos, cartazes, fotos originais de exposições que ela desenhou, curou e realizou, bem como alguns dos famosos cavaletes de vidro criados pela arquiteta. O complemento vem em forma de cinco entrevistas em vídeos

Um aspecto interessante da exposição é que Latorraca seguiu o lado didático de Lina, ao disponibilizar ao público textos selecionados para conduzir a leitura das imagens e dos desenhos, incluindo trechos das apresentações e anotações da própria arquiteta que tinham sido divulgados à época do lançamento de cada trabalho.

Esse aspecto didático de Lina é evidente nos cavaletes de vidro idealizados por ela, onde ela idealizou a exibição de textos explicativos no verso de cada quadro para auxiliar o entendimento do público. Para ela, os cavaletes tinham a função de fazer parecer que os quadros estavam suspensos, de modo que fossem a parte principal do museu. Ela não quis paredes de concreto e sim vidros para que a luz entrasse e iluminasse o ambiente interno.

Já a exposição no SESC Pompéia "**A Arquitetura Política de Lina Bo Bardi**" aborda a arquitetura de Lina e compreende três grandes projetos: Solar do Unhão (em Salvador), Museu de Arte de São Paulo (Masp) e Sesc Pompeia. Aqui são exibidos textos e desenhos originais, estudos, plantas, projetos, material fotográfico de acervo e documentos relacionados a cada um dos três grandes projetos. Expostos em três grandes cubos, textos, anotações e fotos mostram o processo da criação. São exibidos ainda três documentários produzidos para a exposição, com depoimentos da artista e de seus colaboradores.

Os curadores relacionaram cada obra a um momento da vida política do país. “O Masp, por exemplo, remete a um tempo de dúvidas, lutas e desilusões, em fins dos anos 60. E o SESC Pompeia, no final da década de 70 e início de 80, remete a um tempo de reconstruir o futuro dentro de novas bases.”

Através dos depoimentos percebe-se a admiração pela criatividade inovadora de Lina. O entusiasmo com que se referem a detalhes dos trabalhos dela atesta o impacto que ela causou na arquitetura e na expografia. Essa criatividade de Lina vinha de sua maneira livre de ser, um dos depoentes a classifica “libertária”. Para descrever o valor e peso da contribuição de Lina para as artes seriam necessários livros e livros que compilhassem apenas os comentários daqueles que tiveram contato com ela.

Ao observar o trabalho de Lina, a maneira de inovar a expografia, e analisar a forma como ela se relaciona com o objeto de seu trabalho conectando-o com o público usuário / visitante, percebe-se o quão livre era. Constatar que para ela a obra deveria se sobrepor ao suporte dentro de um museu, como ocorreu com os quadros do Museu de Arte de São Paulo na época de sua inauguração é confirmar a ousadia que ela detinha. Nesta forma expositiva, Lina tinha também a preocupação de oferecer a oportunidade de aprendizado para o visitante. No “verso” dos quadros expostos nos cavaletes de vidro, ela destinava espaço para afixar textos e notas explicativas a respeito da obra e do autor, de modo a enriquecer o conhecimento do visitante além de oferecer o prazer de desfrutar a obra em si.

Embora tenha sido condenada mais tarde, por querer que as paredes transparentes do Museu não fossem escondidas por cortinas ou persianas, não se pode negar que ela tivesse o desejo de reduzir a distância entre a obra de arte e o público. Para ela, era importante que os passantes pudessem perceber o que havia dentro do museu, talvez para despertar o seu desejo de entrar.

Pina, o filme de Wenders estreou fora da competição no 61º Festival Internacional de Filme de Berlin e mostra várias das mais famosas peças de Pina, algumas executadas nas ruas e espaços públicos da cidade que dá nome ao grupo dirigido por ela: Tanztheater Wuppertal (Dança Teatro de Wuppertal) e inclui depoimentos de alguns dos seus dançarinos em que eles abrem as relações que mantinham com ela.

Nessas falas dos dançarinos, de origens variadas, a maioria na língua nativa dos depoentes; alguns mencionam a meiguice e doçura da diretora, outros falam do medo que ela lhes causava pelo nível de exigência. Mas essa exigência não vinha em forma de palavras de duras, e sim de pedido. Ela queria que os dançarinos a surpreendessem ou lhe “causassem medo”. O mais interessante é o relato de uma dançarina muito tímida que, disse, costumava se “esconder” de Pina e, depois de algum tempo, Pina lhe perguntou: o que eu lhe fiz? Por que você foge de mim? A partir deste momento, a dançarina foi capaz de se abrir, e de oferecer o que Pina queria: liberdade nos seus movimentos.

Este tipo de atitude contribuiu muito para o desenvolvimento desta nova forma de dança que Pina introduziu: a dança como peça de teatro, em que os dançarinos, choram, riem, gritam além de dançarem. E desta forma, o filme vai mostrando como Pina inovava e permitia ou às vezes, parecia exigir, que os dançarinos criassem movimentos novos. O que parece destacar a sua maneira de obter o melhor daqueles que trabalham para ela. Dando-lhes liberdade para fazerem o que lhes agrada.

As coreografias apresentadas dão mostras de movimentos distantes da dança tradicional, são leves e soltos. Os dançarinos parecem estar suspensos, parecem não tocar os chãos. O figurino simples em harmonia com o espaço simples. No entanto, algumas cenas do filme mostram partes das peças no palco e ali se vê um lago montado sobre aquele estrado. Imagina-se o quanto custou isto em termos logísticos. Mas, o efeito final é belo.

Depoimentos a respeito de Lina fazem crer que a liberdade dela a levou a criar objetos incríveis e a construir espaços inovadores como o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o SEC Pompéia, que, segundo Martin Grossmann (2011) é:

“um centro, ou melhor um complexo cultural composto de espaços multi-uso, choperia/lanchonete, teatro, oficinas, bem como facilidades para o lazer e prática esportiva ... não apenas para corresponder às exigências de uma corporação, o SESC, mas para, de fato, motivar o pertencimento sociocultural da comunidade”

No projeto do Sesc Pompéia, ela quis que a comunidade pudesse continuar usufruindo daquele espaço com a mesma alegria que demonstravam quando ela visitou o local antes de iniciar a reforma do espaço.

Depoimentos a respeito de Pina nos fazem vê-la como uma pessoa meiga, doce, muita quieta e sobretudo paciente, porque trabalhava com os dançarinos por anos e nunca lhes disse o que queria e com meias palavras e olhares exigia que eles a “assustassem” ou surpreendessem. Isto foi estimulante para alguns e angustiantes para outros, mas o resultado foi criatividade e inovação.

Lina, conforme se vê na cerimônia de entrega de um prêmio que a cidade de Salvador lhe conferiu pelo trabalho no Solar do Unhão, agradece aos colaboradores, e ressalta que ninguém ganha ou constrói nada sozinho e que ali presentes na cerimônia estavam pessoas que tinham contribuído para a realização da obra.

Levando-se em consideração a temática da 23ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM): “Museu (Memória + Criatividade) = Mudança Social” pode-se dizer que Lina Bo Bardi soube trabalhar muito bem o duo memória e criatividade, principalmente na reforma do Solar do Unhão e do Sesc Pompéia e provoca mudanças sociais importante ao aproximar o público das manifestações culturais realizadas no Sesc Pompéia.

No caso de Pina Bausch, dizer que ela não trabalha esta função social seria duro demais, porque se deve pensar que a sua coreografia e as inovações que trouxe à dança muito contribuíram para esta arte e que, ao público resta o enlevo de uma estética que pode lhe ajudar a esquecer as mazelas da vida fora do teatro.

Em ambas, a inovação foi a chave para o sucesso. Ambas trouxeram modos novos de fazer arte, surpreendendo o público e também os seus próprios pares, captando admiração como atesta as diversas exposições sobre Lina Bo Bardi e o filme do consagrado diretor Wim Wenders.

Bibliografia

GROSSMANN, Martin. Museu como interface. In GROSSMANN, M. & MARIOTTI, G. **Museu Art today / Museu arte hoje**. São Paulo: Hedra & Forum Permanente, 2011, pp 193-221. Disponível em http://www.forumpermanente.org/event_pres/simp_sem/pad-ped0/documentacao-f/mesa_03/mesa3_martin. Acesso em 4 dez. 2014.